

SUPLEMENTO ESPECIAL

NÃO HÁ LUGAR

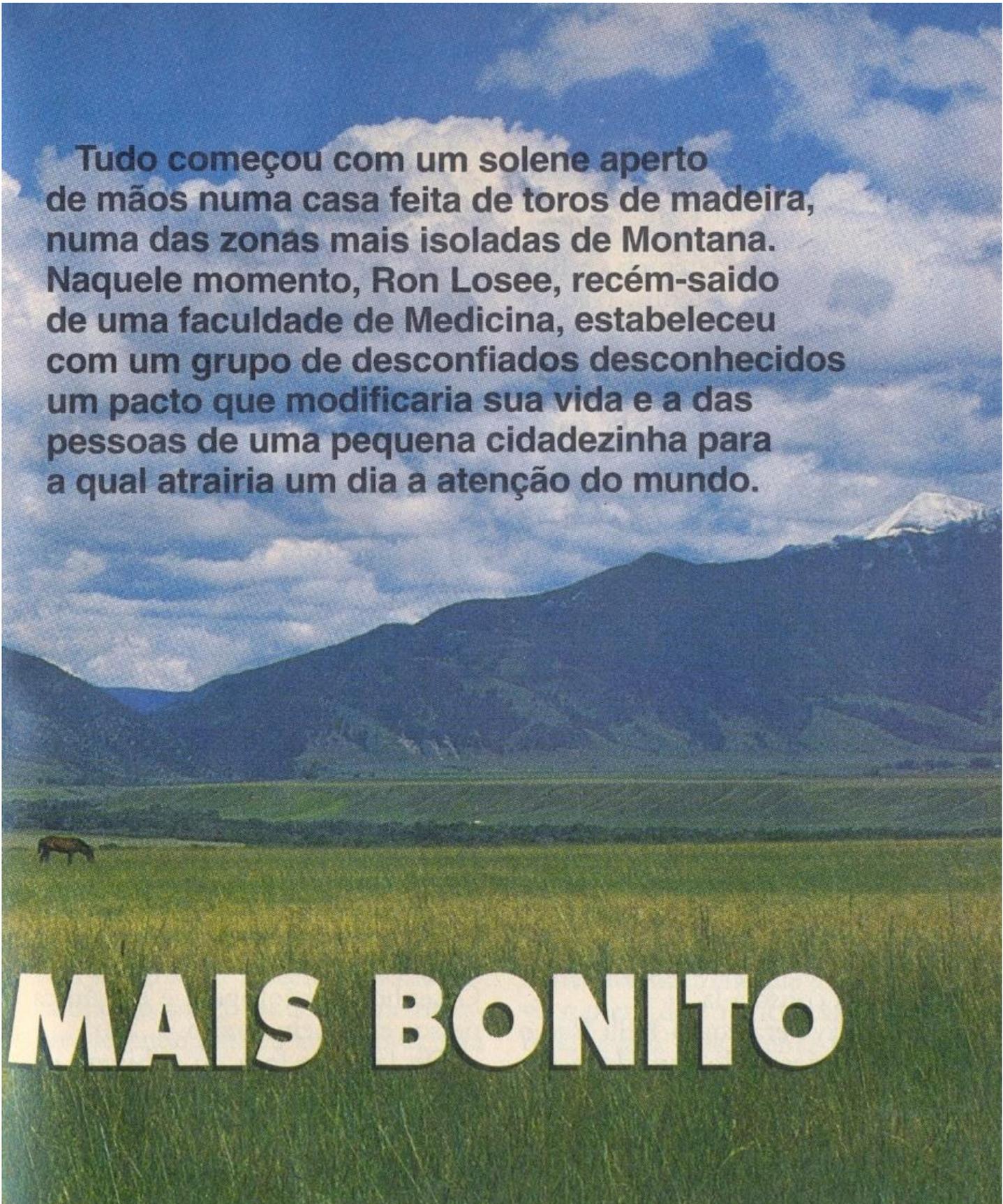
KATIE McCABE

O PEQUENO Madison Valley Hospital, em Montana, era percorrido por gostosas risadas que se propagavam pelo silêncio dos corredores. De dentro de um consultório, à porta do

qual se lia «Dr. R. E. Losee», vinha o som de vozes; uma enunciava uma seqüência de parentescos:

— Tratei de seu pai...

E outra, mais aguda e suave, respondendo:



Tudo começou com um solene aperto de mãos numa casa feita de toros de madeira, numa das zonas mais isoladas de Montana. Naquele momento, Ron Losee, recém-saído de uma faculdade de Medicina, estabeleceu com um grupo de desconfiados desconhecidos um pacto que modificaria sua vida e a das pessoas de uma pequena cidadezinha para a qual atrairia um dia a atenção do mundo.

MAIS BONITO

- Foi o Jack.
- E do pai dele...
- Esse era o Jack S.
- E de sua tia Jacqueline...

A lista continuava, e as vozes entrecruzavam-se, acrescentando no-

mes. Naquela manhã nevosa de dezembro, na semana anterior ao Natal, Ron Losee, o conhecido médico ortopedista de Ennis, em Montana, entretinha-se a citar, com a maior concentração, não os ossos e arti-

culações de sua paciente, mas o rol de parentes dela.

Esta, uma mulher de nome Jackie Ann Northway Kirtley, sofrera de muitos problemas ortopédicos. Também tinha grande parentela, e Ron Losee conhecia-os a todos. Não resistira à tentação de enumerá-los.

Os dois estavam sentados lado a lado — a delicada senhora, loura, e o médico, corpulento e de barba branca, camisa de lã enxadrezada e suspensórios vermelhos. Já se conheciam há muito. Ela estava com 43 anos e ele com 75. Tinha sido ele a assistir seu nascimento, naquela noite em que, ao pegar a recém-nascida, ela lhe coubera numa só mão.

Ron Losee vira-a crescer desde que, menina pequena, vencera corajosamente os problemas que tinha nas pernas devido a uma paralisia cerebral e aprendera a andar. Quando Jackie Ann se casou, ele chorou. Quando soube que lhe tinha nascido uma filha (Kelli Rae), chorou. E quando essa menina de Jackie chorava, Ron lhe punha jujubas nas meias para consolá-la.

«Dr. Lucy» era como Kelli Rae o chamava, mas todo mundo o conhecia por «Doc».

— Muito bem, vejamos — continuou o Dr. Losee. — Há quantas gerações ando tratando de vocês? Temos a sua menina, a Kelli, você...

— É!

— Depois, temos sua mãe, a Kathryn. E a mãe dela, que é a bisavó de Kelli. Depois, temos sua tia-avó Zora. Tratei da mãe dela, a Ida.

— Ah, foi?

A alegria iluminou o rosto redondo do médico:

— Pois então! Ela é trisavó da Kelli. Cinco gerações!

Assobiou baixinho.

— Isso significa que este seu velho amigo está velho demais...

— Está nada — contrariou-o Jackie Ann, rindo. — O que acontece é que o senhor começou a trabalhar muito cedo.

Losee recostou-se na cadeira de madeira e deu uma grande risada:

— Mas chega de brincadeira — disse, mais para si do que para ela. — Vamos agora aos assuntos sérios.

Durante toda a sua carreira médica — de clínico geral a cirurgião ortopédico e consultor cirúrgico —, nada lhe agradara tanto como aqueles enredos nas vidas de seus pacientes. E ele se preocupava com todos.

— Diga-me, querida — perguntou, franzindo a testa —, de que você se queixa?

— Sei que preciso fazer uma operação nos pés, mas provavelmente não vou fazê-la — explicou ela. — O senhor já não opera e é a única pessoa em quem confio.

Do lado de fora do gabinete de Losee, telefones tocavam e enfermeiras andavam de um lado para o outro, mas ele não prestava atenção a nada mais. Ouvia Jackie Ann com uma intensidade que bloqueava qualquer som ambiente. Inclinou-se para a frente, ajustou os óculos de aros de metal e preparou-se para analisar em primeiro lugar o problema médico que ela lhe propunha e depois o verdadeira questão, o medo dela.

— O senhor é a única pessoa em quem confio — repetiu Jackie Ann.

Quantas vezes, ao longo dos anos, ele ouvira seus pacientes dizerem aquilo mesmo?

Mas não fora sempre assim. Tinha havido um tempo, antes de terem nascido pacientes como Jackie Ann, em que ele era um estranho naquele vale e da prática da medicina só sabia o que vinha nos compêndios de estudo que levava consigo ao sair de Yale. Quanto à questão de «ser médico», só tinha uma vaga idéia, que lhe sugeria tratar-se de algo que tinha a ver com curar pessoas e pouco mais.

No vale

Lembrava-se como se fosse ontem. Corria o ano de 1949, e era uma tarde de fim de novembro. Caía o crepúsculo sobre as montanhas Rochosas quando Ron e sua mulher, Olive, espiando por entre os flocos de neve que adejavam no ar, tentaram imaginar o aspecto do local para onde o amigo Buddy Little os estava levando em seu automóvel. Era um ponto do mapa chamado Ennis, e sua última esperança de realizarem um sonho. O cupê Pontiac debatiasse contra as fortes rajadas de vento que açoitavam as montanhas. O velho automóvel, resfolegante, tentou subir a estrada íngreme e escorregadia que seguia zigzagueando até o vale de Madison. O vento soprou com mais força, para então ainda redobrá-la, assobiando e uivando. Dentro do carro, Ron e Olive man-

tinham-se calados. Havia tanta coisa em jogo!

Até há semanas atrás, tudo parecera muito simples. Tinham decidido mudar-se para o Oeste para começar a viver o sonho que partilhavam desde o tempo em que ele se estava formando. O casal tinha jurado que partiria para a zona do país que mais amavam para exercerem suas profissões de médico e enfermeira em alguma pequena localidade e lá criarem sua família. Já tinham uma filhinha de 3 anos, a Becky, e esperavam outro filho para a primavera.

Ron sentia o apelo do Oeste desde o tempo em que passava as férias de verão no rancho do pai, em Nevada. Também Olive se apaixonara pela região, levada lá de visita por ele. Para os dois, tratava-se de uma terra por desbravar, um mundo onde tudo parecia possível. Ron ansiava por fazer vida ali.

Por quatro meses, percorreram as enormes distâncias do Oeste, para afinal descobrirem que a região estava repleta de médicos antigos que reservavam ciosamente para si seu território ou queriam impor suas regras rígidas e restritivas a quem quer que se oferecesse para partilhar a clínica com eles.

Quando chegaram ao Oregon, já quase sem dinheiro, Ron admitiu o que ambos já sabiam: estavam sem perspectivas.

— Temos de voltar para o Leste — disse ele.

Exaustos e derrotados, iniciaram a viagem de regresso a casa, passando

do por Montana. Mas pararam em Helena para visitar Buddy Little, um amigo de faculdade que exercia clínica médica lá. Durante o jantar, Buddy surpreendeu-os ao anunciar que, tendo falado com uns amigos de uma cidade chamada Ennis, a uma hora de Bozeman em direção ao Sudoeste, tinham-lhe dito que andavam à procura de um médico. Estavam tão necessitados de um que tinham começado a construir o consultório com uma residência anexa.

— Vamos lá dar uma olhada! — disse Ron de imediato.

Buddy telefonou para combinar uma entrevista, e meteram-se todos no Pontiac para seguirem viagem.

Foi assim que Ron se viu na companhia do amigo e da família naquela estrada desconhecida, com as correntes dos pneus ressoando no asfalto.

O cupê transpôs lentamente o último trecho de uma subida coberta de gelo e descreveu a curva no alto do precipício, por cima do vale. Segundos antes de iniciarem a descida, os viajantes inclinaram-se para olhar lá para baixo. Espreado diante deles em intermináveis pregas de terreno cobertas de neve branca, via-se um vale tão grande e ermo que, comparada a ele, qualquer outra zona do Oeste lhes pareceria civilizada.

Nada se movia em toda aquela extensão coberta neve flagelada pelo vento, entre a cordilheira de Madison, a leste, e as montanhas de Tobacco Root, a oeste. A paisagem era vazia e intocada e, tanto quanto se podia descortinar do alto da mon-

tanha, completamente despovoada.

Quase sem se darem conta, o cupê chegou ao sopé de Norris Hill. Parecia que tinham sido engolidos pelo vale de repente, confundindo-se com a vastidão e percorrendo velozmente os muitos quilômetros de estrada coberta de neve em direção a... algo. Buddy falara de lá como «uma localidadezinha com vacas» ao descrevê-la pela primeira vez.

Por fim, surgiu, no lusco-fusco que se adensava, o contorno nítido daquele que seria o lar do médico. A estrada acompanhou um declive, e viram, com toda a clareza e em toda a sua nudez, os dois blocos de casas de Ennis, com as luzes do *saloon* acesas.

Ron e Olive olharam para a pequena localidade pioneira e depois para os picos das montanhas, semi-cobertos de neve e sobrepujando tudo. Majestosos e impressionantes, reduziam todas as coisas à sua volta a dimensões miniaturais.

A escuridão acentuava-se quando Buddy avançou com o automóvel, passando por lojas, bares e postos de gasolina, em direção às montanhas banhadas pelo luar. No negrume da noite, seguiram o curso do riacho do Jack até onde ele brotava, na cordilheira de Madison. Ali, numa casa coberta de palha, aquecendo-se em volta de uma lareira fumarenta, pessoas de Ennis esperavam por eles.

Um contrato à moda de Montana

No instante em que Ron, Olive e Becky entraram na casinha de toros de madeira, sentiram que se dis-

solviam o frio e a escuridão daquela noite de novembro. A comissão encarregada pelo vale de arranjar médico estava reunida para recebê-los.

— Entre, doutor. Sente-se ao fogo. O senhor e os seus devem estar quase enregelados — disse Lois Bry como recepção, em sua qualidade de dona da casa.

Os bancos foram arrastados no chão quando as pessoas que estavam na outra ponta da sala se levantaram e avançaram, de mãos estendidas, para se apresentarem.

— Vamos todos para a mesa! — convocou Lois.

Foram servidos em grandes travessas pedaços de carne frita de um alce — acabado de esfolar, segundo gabou um dos empregados do rancho.

Quando Olive pediu uma lista telefônica para pôr Becky à altura da mesa, os presentes riram.

— O catálogo da Sears talvez seja mais adequado — disse Lois Bry, e, com um sorriso, mostrou a lista telefônica de Ennis: só duas páginas.

Ron cumprimentou o cozinheiro pelo alce, e os homens descreveram-lhe com prazer a caçada. Mas ele sabia que aquele era algo mais que um jantar informal. Era a maneira de poderem observá-lo devidamente.

À primeira vista, era a «entrevista» mais estranha de toda a sua carreira acadêmica. O grupo parecia interessado em tudo menos no seu currí-

culo médico. Contudo, em nenhuma comissão de matrícula — nem em Dartmouth, onde fora admitido à faculdade, nem na Escola de Medicina de Yale, nem na Universidade de McGill, onde se especializara em cirurgia — tinha sido tão atentamente observado como ali, pelos cinco homens e três mulheres em torno à lareira de Bill e Lois Bry.

Desde o momento em que se sentou, Ron tinha plena consciência de que os oito pares de olhos tomavam nota de todas as suas palavras e gestos. Quando a comissão falava da dura vida dos criadores de gado ou das vantagens das coberturas de casa de palha, olhavam-no atentamente. Ron perguntou-lhes sobre o inverno e o



estado das estradas locais, e eles o estudaram com mais atenção ainda.

Tinham razão para estar alerta. Antes dele, tinha-se sucedido uma longa série de médicos manhosos, que chegavam a Ennis e ficavam apenas o tempo suficiente para pescar e caçar, indo-se embora antes de começarem as primeiras nevascas.

Assim, a cada pergunta da gente da cidade, os moradores ficavam na expectativa. Mas Ron também os observava. Intuitivamente, sentia-se atraído por aquela gente do Oeste, curtida e disposta a não se deixar enganar, e tão desesperada por um médico que até lhe tinham construído uma casa a título gratuito. Era uma oferta extremamente generosa e, no entanto, num lugar que ficava a 100 km do hospital mais próximo, ele sabia que a localidade podia dar uma melhor utilização àquelas instalações. Sem qualquer tipo de posto de saúde, ele e Olive não conseguiriam executar devidamente as funções que tanto desejavam cumprir.

O fogo da lareira já quase se extinguiu quando chegou o momento de concluir o acordo. Alice Orr, a grisalha matriarca da cidadezinha, virou-se para Ron, sentada em sua grande cadeira de madeira, no canto da sala. As conversas silenciaram. Mãe do arquiteto que concebera a planta do consultório do médico, ela era viúva de um embaixador e uma das agricultoras mais sabedoras e respeitadas do vale. Quando falava, todos a escutavam.

— Se resolverem ficar — propôs —, nós construímos para vocês uma

casa para morar e um consultório na periferia da cidade.

Tragou a fumaça do cigarro, olhou para Ron e soprou lentamente.

Ron fitou direto seus penetrantes olhos castanhos.

— Não — respondeu —, não é isso que queremos. Preferimos um hospital.

Fez-se um silêncio estupefato. Ninguém parecia preparado para uma resposta assim. Sabiam que o médico tinha razão. À mesa estava Claude Angle, que tinha sido levado de avião para o hospital de Sheridan no último inverno para fazer uma operação de apêndice supurado. O mesmo quanto a Ralph Brownell, o diretor da central elétrica, que vira, impotente, em março passado, morrer um ex-empregado devido a uma obstrução intestinal, porque o vale estivera isolado pela neve durante três semanas.

Durante quase um ano, nas reuniões municipais de Ennis, discutira-se acesamente a questão: a melhor isca para conseguir um médico seria um hospital ou uma residência para ele? Mesmo depois de iniciada a construção, as pessoas ainda se dividiam a esse respeito. Pois aquele elegante e jovem de Nova York resolvera a questão em duas penadas.

— Fala a sério? — perguntou alguém por fim, quebrando o silêncio.

— Sim — respondeu Ron, tranquilo.

— Não quer a casa?

— Oh, não! — disse ele prontamente.

Envoltas na névoa fumarenta que

pairava na sala, as pessoas mudaram de posição nas cadeiras, enquanto reviam suas opiniões sobre o recém-chegado. A promessa de residência gratuita não tinha bastado aos outros médicos candidatos à vida no Oeste. Agora, aparecia-lhes aquele homem vindo do Leste, cuja sinceridade era evidente, dizendo-lhes que podiam se beneficiar das duas coisas: um médico e um hospital.

— Minha família e eu encontraremos casa — continuou Ron. — Já contávamos com isso. Visto que se esforçaram tanto por pôr de pé a casa em construção na estrada, por que não utilizá-la para algo realmente necessário?

As rugas do rosto curtido de Alice Orr contraíram-se num sorriso. Ela olhou em volta e disse:

— Todos os que estão a favor da construção de um hospital digam «Sim»!

Um coro de aprovação foi ouvido, entusiástico e instantâneo.

Numa questão de minutos, ajustaram-se os restantes pormenores. Até o novo médico encontrar casa, os Bry ofereceram-se para receber sua família na sua. Ron e Olive aceitaram. A estrutura de vigas de madeira destinada à residência do médico foi reformulada rapidamente num pequeno hospital. A zona da cozinha era agora uma sala de partos, e a sala veio a constituir um espaço para enfermaria com cinco camas.

Todos os homens e mulheres da comissão avançaram e fecharam o negócio, à moda de Montana, com

um solene aperto de mão, e foi assim que Ron Losee passou a ser o médico de Ennis.

O médico está

Passados uns dias, as linhas telefônicas de todo o Sudoeste de Montana fervilhavam com as novidades: havia um novo médico no vale de Madison. Soube-se da coisa de Pony, 50 km a norte de Ennis, até West Yellowstone, 100 km a sul. As telefonistas forneciam atualizações quase diárias: o médico e a família estavam no rancho dos Bry. Tinha começado a dar consultas. Ele tratara a hérnia de vovó Evans e as costas de Nels Jacobsen e andava cuidando do coração de Lulu Grady.

Sempre que Ron fazia qualquer coisa, as linhas punham-se a funcionar, até que, por fim, na semana anterior ao Natal, surgiu o maior boletim noticioso: o médico já tinha um lugar para viver em Ennis, a casa de toros de madeira de Winifred Jeffers, na rua Principal.

Em poucos dias, começou a bater gente à sua porta.

— Como será que nos descobriam, Ron? — perguntou Olive. — E tão depressa!

— É eu sei? — riu-se ele. — Onde vamos meter toda essa gente? E examiná-la? Só temos uma cama de lona do exército!

Mas os novos pacientes não se importavam que a casinha não tivesse produtos médicos, instrumentos complicados ou equipamento de laboratório. Vinham mesmo assim:

mães com bebês chorões; caubóis machucados, com as botas sujas de lama e estrume; pastores e mineiros; praticantes de rodeio com ossos quebrados...

Numa manhã, no meio da confusão toda, Alice Orr e alguns dos empregados de seu rancho apareceram num pequeno caminhão. Segundos depois, ela gritava, dando ordens a seus homens para transportarem um velho sofá de couro, uma cadeira e uma mesa feita à mão. Observou a atividade que reinava dentro de casa e sorriu para Olive quando esta levou um menino resfriado até a cama de lona que fazia de mesa de observação. Depois, saiu porta fora, dizendo por cima do ombro:

— São só umas coisinhas que podem dar jeito para vocês no começo.

E deram, mas não o suficiente. O problema era que o casal tinha de se preocupar com algo mais do que apenas eles dois. Havia a pequena Becky, e o Natal era dali a dias. Entre os escassos rendimentos e as poupanças ainda mais magras, só podiam comprar uma pequena quantidade de produtos químicos de laboratório e pôr de lado uns quantos dólares. Aquele dinheiro extra era exatamente o necessário para comprar um aparelho de medir pressão arterial, ou então para adquirir um carrinho de bonecas para Becky que Olive vira numa loja de brinquedos de Butte.

O esfigmomanômetro podia esperar, mas, como Ron e Olive descobriram, os pacientes não. Não esperavam nem no Natal, nem no

Ano-Novo, nem por bom tempo, nem mesmo apareciam, algumas vezes, durante as horas do dia.

Todas as manhãs, na escuridão que antecede a madrugada, em meio a sons de burros a zurrar e vacas a mugir, bem junto de casa, Ron e Olive acordavam com o murmúrio surdo de uma quantidade de pacientes do outro lado da parede do quarto de dormir. Ele saía cambaleando. Bocejava, espreguiçava-se e dava com o espetáculo de famílias inteiras sentadas no chão da sala.

— Não se apresse, Doc. Tome primeiro seu café — sugeriam-lhe, bem-dispostos, para de novo retomarem as conversas, em que falavam de bisbilhotices, preços do gado e sintomas de doenças. Olive servia-lhes café, a vizinha Anora Goetz entrava pela porta traseira com rosquinhas doces e Ron dava-lhes um bom-dia com sua voz estentorosa antes de mandar entrar o primeiro paciente para os aposentos da parte de trás da casa.

Parecia que todos os que tinham queixas no vale sabiam o caminho para a casa de «Doc e Olive». Tendo como ruído de fundo o som de martelos e serras, no local agora marcado para vir a ser o hospital, no alto da colina, o médico auscultava, examinava, receitava e dava conselhos sobre tudo — de espinhas a ossos quebrados.

O grupo de pacientes que Ron nunca via era o das grávidas. Estas ainda se punham a caminho de Norris Hill, em meio ao nevoeiro, para terem os bebês nos hospitais daque-

la cidade. Embora confiassem nele para tratar dos filhos mais velhos, não se entregavam em suas mãos na hora do parto. Estavam convencidas de que os obstetras que as seguiam, a quilômetros dali, ainda eram «os melhores do Noroeste».

Passou janeiro, veio fevereiro, e o número de pacientes não diminuía. Todos os dias, das 6 da manhã às 6 da tarde, a sala se enchia de gente.

— Às vezes, até me parece que estiveram guardando as doenças anos só para nós — disse Olive um dia, de brincadeira.

O que mais no mundo desejara era estar bem no centro das coisas, sem se limitar a assistir a carreira médica do marido. Mas aquilo era um pouco mais do que imaginara.

Por vezes, constrangia-se ao ouvir a pequena Becky na sala de espera cumprimentando mais pacientes:

— Você precisa que meu papai o veja agorinha, como aquela senhora ali?

Ou:

— Qual é a sua doença?

Depois, ouvia a porta se abrir e fechar de novo e a pergunta de Becky ficar abafada no meio dos gritos de outra família acabada de chegar. Ocasionalmente, alguém entrava na cozinha de Olive pedindo leite para um bebê.

— Ennis é uma cidade pequena — dizia ela para o marido. — De onde vem toda essa gente?

Ron sacudia a cabeça. «Que diariam em Yale dessa enorme confusão?», pensava. O chão da cozinha estava sujo de gesso, um cheiro de

éter invadia o quarto e Olive esterilizava os instrumentos cirúrgicos numa panela de pressão.

Mesmo quando Ron estava fora do consultório, os pacientes se agarravam a ele na barbearia, nos correios, no *drugstore*. Pareciam exigir-lhe atenção total praticamente dia e noite.

Muitos de seus colegas de Yale estavam agora instalados em confortáveis clínicas privadas. E ali estava ele, em pleno Oeste Selvagem, com pacientes acampados na sala.

Mas Ron gostava daquilo — daquilo tudo: da região, da cidade, da clínica semi-improvisada, das pessoas. Acima de tudo, das pessoas. Por uma única razão, ele, ou qualquer outro médico em seu perfeito juízo, se envolveria de boa vontade em tamanha loucura: por amor. Não fosse por isso, nada faria sentido.

Dádiva ao mundo

Mas não foi com essa palavra que ele expressou seu sentimento no dia longínquo em que decidiu ser médico. O cerne da questão, porém, era mesmo esse. Numa tarde dourada de outono, em 1933, Ron estava no morro todo gramado que ficava por atrás da casa da fazenda de seus avós, em Upper Red Hook, estado de Nova York. Pensava no desafio que o novo pastor da cidade, Larry French, havia lançado repetidas vezes aos adolescentes como ele: que vão vocês oferecer ao mundo para recompensá-lo do privilégio de estarem vivos?

Era uma tremenda questão para um garoto de 13 anos, e Ron procurava uma resposta. Desde muito pequeno, viajara com o avô Losee quando este era chamado a fazer visitas médicas domiciliares nas cidadeszinhas do rio Hudson. Perdia-se lendo biografias de homens de ciência e pensava: «Que coisa melhor para dar ao mundo do que salvar vidas de pessoas, como os heróis de *Caçadores de Micróbios?*»

Desde então, todos os seus atos se orientaram para vir a ser médico. Depois do secundário, freqüentou as difíceis aulas de preparação para entrar para a faculdade em Dartmouth. A seguir, submeteu-se ao duro regime do curso da Faculdade de Medicina de Yale, que fez em apenas três anos, por causa da Segunda Guerra Mundial. Mesmos suas viagens ao Oeste, de visita ao pai, durante as férias grandes, passaram a fazer parte de seu sonho mais vasto.

E depois havia Olive, a bela garota de cabelos negros e olhos castanhos que surgiu em sua vida em seu segundo ano em Yale, em 1942. Iniciando o segundo ano na escola de enfermagem, ela era inteligente e decidida e, como Ron descobriu, tão enérgica como bonita.

Desde menina, conforme lhe contou, tinha querido ser enfermeira num lugar onde as pessoas precisassem realmente muito dela — talvez em Appalachia, mas por certo em algum lugar nas montanhas. De repente, tudo na vida de Ron começou a apontar na mesma direção. A expressão de Olive «em algum lugar

nas montanhas» tornou-se para ambos «em algum lugar no Oeste» quando visitaram o rancho do pai dele, assim que se casaram.

Na peregrinação do médico entre New Haven, Connecticut, e Ennis, em Montana, estavam incluídos alguns pontos de parada: dois internatos cirúrgicos no Hospital Geral de Denver, uma passada pelo serviço das forças armadas depois da guerra e um internato de especialização em McGill. Mas Ron nunca teve grandes dúvidas sobre para onde tudo aquilo o conduzia.

Seu trabalho em Ennis era bem mais «selvagem» do que a medicina elegante que vira seu avô praticar nas visitas domiciliares, e ficava ainda mais distante que isso do mundo temerário dos caçadores de micróbios. Mas, para Ron, era o que dava resposta à questão que Larry French lhe havia proposto anos antes: que vai você dar em troca?

Todos os dias e a todo o momento, os homens, mulheres e crianças que recorriam a ele para que os ajudasse recordavam-lhe que a prática da medicina tinha tanto a ver com o coração como com a ciência. Eles sentiam medo, como lhe revelavam ao se sentarem do outro lado da mesa de jogo que lhe servia de secretária improvisada. Diziam-lhe que se sentiam mal ao enumerarem os sintomas e não compreendiam por quê. Nunca em Yale lhe tinham ensinado a responder o que ele lhes dizia, enquanto pegava um de seus livros de estudo tantas vezes consultados:

— Também não sei. Vamos ver isso juntos.

Folheavam os livros com ele e ouviam com a mesma atenção de um estudante de Medicina, enquanto as questões que lhe apresentavam lhe punham à prova a memória, a preparação acadêmica e sua competência profissional, fazendo-o por vezes vacilar em suas conclusões e em seu orgulho.

E, quando menos esperava, eles lhe manifestavam sua gratidão. Um dia, Mike Judd, de 18 meses, levou uma injeção de penicilina e começou a berrar, esfregando o bumbum dolorido. O médico então o embalou, dizendo-lhe entre lágrimas: «Obrigado.» Outra vez, Kathy Gould e seu noivo, Jack Northway, que coravam e riam quando Ron e Olive brincavam com eles a respeito dos testes de sangue pré-natais, surpreenderam o médico e a mulher ao convidá-los para o casório.

Houve sempre momentos que o faziam sentir medo. Todos os dias lhe apareciam pessoas que deviam era estar no hospital de Bozeman. Que fazer, interrogavam-se os dois, com a mulher desidratada que desmaiou na cama deles? Ron meteu um prego na parede do quarto e pendurou nele uma garrafa de litro de solução salina, que Olive ministrou-lhe por via endovenosa. Ambos fizeram figa para que desse resultado.

Como equipamento de sucção em casos de emergência, Ron uniu jarras próprias para guardar Sidra, além de rolhas e tubos plásticos, oferecidos pela casa Angle Hardware, e

dessa vez ainda fez mais figas para que tudo corresse bem.

Era uma medicina feita de improvisações, mas, desde que funcionasse, as pessoas do Sudoeste de Montana não se importavam. Continuavam a aparecer e traziam os filhos, os parentes, os vizinhos. E Ron, às vezes perfeitamente seguro de si, outras completamente perdido, se ia desenvolvendo dos problemas o melhor que podia, de crise em crise, sem nunca ter certeza de como, no dia seguinte, iria resolver os casos que aparecessem.

Um parto muito especial

O dia seguinte trazia sempre novas surpresas, como aconteceu numa manhã de fim de inverno. A tempestade que caiu sobre Ennis na tarde do dia 10 de março começara como uma queda habitual de neve. A meio da noite, porém, transformou-se no tipo de nevoeiro durante o qual até os mais corajosos se fechavam em casa. As pessoas mantinham o gado nos currais, avivavam as lareiras e passavam a tranca nas portas.

Foi por isso que ninguém reparou quando Gil Hansen e a mulher, Jean, que estava grávida, saíram em direção a Bozeman. Ninguém sabia que o ansioso marido havia tentado subir o gélido monte Norris, para que a mulher pudesse ter seu bebê num hospital da cidade. Ninguém o viu tentar abrir caminho com uma pá, sozinho em meio à nevasca, antes de desistir e descer o declive de meio

quilômetro. E ninguém viu os Hansen regressarem a Ennis, envolta em silêncio e escuridão, exaustos e assustados.

A voz que se fez ouvir na confusão do meio da manhã pertencia a Tana Rakeman, mulher do dono do *drugstore*.

— Venha depressa, Doc — chamou ela. — Jean Hansen está para ter o bebê.

Olive telefonou a uma vizinha para que tomasse conta de Becky, enquanto Ron entrava apressado em seu consultório, pegava sua *Obstetrícia* de William e se punha a folheá-la rapidamente, assimilando capítulos inteiros. Sua preparação nessa matéria limitava-se a um treinamento de seis semanas em Yale e seis semanas de experiência como interno, sem nenhum acompanhamento especial. Ron guardara cuidadosamente aquele livro para o dia em que tivesse de ajudar a nascer seu primeiro bebê e estivesse sozinho.

A obstetrícia, com a responsabilidade por duas vidas que acarreta, era seu maior temor. O fato de o texto enumerar uma série de horrores não ajudava em nada: que fazer se a mãe apresentasse hemorragia, se o bebê não estivesse na posição habitual, se o cordão estivesse enrolado em volta do pescoço...

Enquanto lia, sentiu-se tremer por dentro, e continuou assim enquanto subia correndo a rua Principal para ir a casa dos Hansen. Desceu a escada estreita que o levou ao subsolo, onde se ouviam os gritos de Jean Hansen.

De repente, deixou de ter tempo para o medo. A mulher deitada na cama estava assustada e com dores, e ele era responsável pela vida dela e do bebê. Estava convencido de que, quando fosse necessária a sua intervenção, nenhum médico se podia dar ao luxo de ter medo.

— Vai correr tudo bem, Jean — ouviu a sua própria voz articular, e com tal confiança que mal a reconheceu como sua.

Olive chegou, passados minutos, com ataduras e equipamento obstétrico. Segurou suavemente com a mão os punhos fechados da assustada mãe, procurando acalmá-la:

— Agora você não tem nada com que se preocupar. O médico e eu estamos aqui.

E continuou a falar calmamente com Jean, enquanto Ron trabalhava, improvisando uma sala de partos. De vez em quando, ele juntava sua voz à de Olive, dizendo coisas num tom sossegado, calmo, encorajador.

— Você está se portando muito bem, Jean — repetia constantemente, falando-lhe quando os acessos de dor a percorriam. — Está perfeita...

A mulher do médico, que também estava grávida e numa fase tão adiantada que mal podia se inclinar para a frente, nunca deixou de ajudar ativamente o marido. Jean não sabia que Olive Losee tinha sido enfermeira obstetra no Middlesex Memorial Hospital de Connecticut, mas sentiu instintivamente a confiança firme que ela inspirava.

A voz de Ron tornou-se autoritária e brusca, sem denunciar minimamente a tensão que ele próprio sentia ou a surpresa que experimentara ao levantar o olhar para a janela daquele porão, por cima da cabeceira da cama. Comprimido contra a pequena abertura da janela e espiando tudo de olhos arregalados, havia um grupo de vizinhas com os respectivos filhos e cachorros.

«Será que não se respeita nada do que é privado neste diabo de cidade?», enfureceu-se. Depois, em voz alta, disse para a mãe:

— Excelente, Jean. Estamos indo maravilhosamente. Estamos quase lá...

Então, esqueceu-se completamente da assistência lá em cima ao ver que a bebê que vinha ao mundo estava com o cordão umbilical enrolado em volta do pescoço.

Ele já tinha visto recém-nascidos roxos por falta de oxigênio, mas o rosto daquela criança estava quase negro. Rapidamente, ele cortou

o cordão e desenrolou-o cuidadosamente — uma volta, duas, três voltas. Passados alguns segundos, a bebezinha estava rosada e deu um bom berro.

— Parabéns! — disse Olive a Gil. — Você é mãe de uma linda menina!

Suando e radiante, Ron levantou o pequenino ser no ar. Jean Hansen olhou para as formas perfeitas da bebê, que se contorcia nas grandes mãos de Ron, e disse num suspiro:

— É bonita, é mesmo bonita!

— A gente resolveu que, se fosse menina, ia se chamar Charlotte — disse Gil Hansen.

— Charlotte é como se chamará!

Ron sorriu, nauseado pelo súbito acesso de nervosismo, medo contido e pela pura alegria que sentia. «Que pensariam aqueles pais», interrogou-se, «se soubessem que era o primeiro bebê que ele ajudava a nascer?» Não lhes podia passar pela cabeça a quantidade de possibilidades hor-



ríveis que lhe ocorreram na eternidade que duraram os 30 segundos necessários para desenrolar o cordão umbilical.

«Dou graças a Deus pelo rigor da *Obstetrícia* de William, pela calma de Olive e pela posição da janela do porão, que impediu os Hansen de perceberem a invasão de sua privacidade», pensou consigo. «E dou graças a Deus pela bonita Charlotte, a cidadã mais nova de Ennis, rosada e cheia de oxigênio, já aos gritos de fome.»

Se houvesse um sistema de altofalantes nas ruas de Ennis, a novidade do primeiro parto assistido por Ron não se teria difundido mais rápido do que a notícia que a garotada levou, correndo, para suas casas. No fim da semana, todo mundo em muitos quilômetros nas vizinhanças estava a par do mais recente triunfo do novo médico.

Era só uma bebê, mas foi o suficiente para derreter a gélida reserva de um segmento da população que se mantivera afastado de Ron: o das grávidas. A partir de então, junto com o fluxo regular de resfriados, vírus e fraturas, todas as semanas lhe aparecia uma futura mãe com um sorriso nos lábios.

O fim da espera

Tudo começou numa daquelas noites raras e descontraídas em que a casa dos Losee se enchia de risos e conversas com convidados de fora da cidade. Do Oeste, tinham vindo uma tia e um tio, de visita a Ron

e Olive, na última etapa de sua viagem através do país. Do Leste, Hugh Long, reitor da Faculdade de Medicina de Yale, e sua mulher, Hilda. Todos andavam em torno de Jonathan Losee, de 4 meses, enquanto gozavam um luminoso pôr-do-sol de agosto.

Correu a cerveja e surgiu toda uma série de histórias de médicos. Depois, Ron e seu antigo reitor e mentor começaram um papo descontraído, e a conversa foi aumentando de volume, chegando a vozes tão altas que ninguém ouviu o ronco distante de um motor de motocicleta, o som de estilhaços de vidro nem os gritos no fim da rua Principal. Ninguém em casa dos Losee tinha a mais leve idéia de que, à porta da Angle Hardware, Win Angle pusera acidentalmente para funcionar a nova moto de seu irmão Bud, entrando pela vitrine da loja. Bud chocara-se contra uma parede de cimento. Em determinado momento, o telefone tocou.

Ron deixou de servir bebidas aos convidados e saiu correndo. Foi encontrar os dois jovens numa poça de sangue. O rosto, peito e braços de Win estavam lacerados. Embora alguns dos ferimentos fossem profundos, o médico viu que, desde que conseguisse estancar o sangue, ela não corria perigo. Mas o estado de Bud Angle parecia bem pior. Ele jazia imóvel, em coma, no chão.

Um coro de vozes dizia a Ron o que ele já sabia.

— Está na hora de abrir o hospital, Doc.

Tinham conseguido terminar o essencial da estrutura do edifício e grande parte do interior. Ron e Olive esperavam inaugurá-lo dentro de um mês ou dois, depois de comprarem alguns produtos e equipamento médicos.

— Os encanamentos já estão lá.

— É, sim, Doc. E há água encanada.

— Então, vamos nessa, Doc.

Ron olhou para a multidão e gritou:

— É isso mesmo. O hospital vai abrir agora!

Com Win posta na parte de trás do jipe de Ron e Bud, em coma, indo em outro veículo, todo mundo foi pela rua Principal, passando pela casa dos Losee, a caminho do hospital.

— É melhor você vir — sugeriu Ron a Olive, que estava à porta observando. Entregando Jonathan, o bebê, a Hilda Long, Olive seguiu também.

Uma boa fração dos 400 cidadãos de Ennis acompanharam-na ladeira acima até o hospital. Bud foi levado para o único quarto de pacientes, e outras pessoas deitaram Win suavemente num berço em outro quarto. Ron limpou e suturou os golpes de Win, depois correu para ajudar Bud.

No pequeno quarto onde estava Bud Angle, a noiva dele, Janice, aguardava, pálida e muda, a um canto. Claude Angle e sua mulher, Ella Mae, estavam em outro. O pai mantinha-se hirto, de lábios cerrados, enquanto o médico se debruçava so-

bre seu filho, um rapaz alto, elegante e atlético.

Não se ouvia o mais leve som quando Ron lhe levantou suavemente uma pálpebra, depois outra, e acendeu a luz da lanterna, esperando que suas pupilas se contraíssem.

— Pode ser perigoso movê-lo. —

Tinham indicado a Ron, quando telefonara para o Deaconess Hospital, em Great Falls, que falasse com o Dr. Alex Johnson, o único neurocirurgião de Montana.

— Observe-o, Ron — recomendara aquele médico —, e espere.

Assim, no quartinho silencioso, Ron sentou-se com a família e aguardou.

No corredor, imperava um pandemônio.

— Como podemos ajudar? — queriam saber os moradores.

— Precisamos de camas — disse Olive.

— E uns lençóis?

— Tudo! — gritou Olive. — Tragam tudo o que puderem. Lençóis. Toalhas. Fronhas e travesseiros. Não temos um único deles!

Passados uns momentos, Otis Crooker, o corpulento e sólido proprietário do Sportsman's Lodge, do outro lado da rua, entrou porta adentro. Empurrava duas camas de rodas.

— Para onde quer que leve isso, Sra. Doc? — perguntou.

Ela apontou para o fundo do corredor. Disse depois para as senhoras que a rodeavam:

— Precisamos de alimentos. E de panelas e frigideiras. E de um fogão qualquer. E de conservar os pra-

tos quentes. Produtos de mercearia. Mais lençóis. Tragam tudo o que puderem dispensar.

A notícia correu. Os homens descarregavam mesas e cadeiras de picapes. As mulheres cruzavam-se umas com as outras com os braços carregados de lençóis. Olive manteve-se no centro do fluxo, dando instruções.

No quarto de Bud, a luz do dia declinante, a bater na janela sem cortinas, indicava que o tempo ia passando. A família Angle andava entre o quarto de Win e o de Bud, à espera de novidades da parte de Ron.

— Será o momento de tirá-lo daqui, Doc?

Há horas que ele observava as pupilas de Bud.

— Ainda não — respondeu Ron.

Fez uma pausa, fitando Claude, tímido e sério, Janice e Roberta, a irmã casada de Bud, que chegara havia pouco.

— Quando for hora de levar o Bud para Great Falls, irei com vocês. Mas estou à espera de que o Dr. Johnson me dê ordem de seguir para lá.

Pela noite e durante todo o dia seguinte, Ron manteve-se vigilante. Bud piorava a cada hora. A pressão sangüínea tinha começado a subir, assinalando um aumento perigoso da pressão intracraniana. Se ela não fosse aliviada por meio de cirurgia, Ron sabia que Bud poderia acabar vítima de lesão cerebral irreversível.

Percebeu então que não poderia adiar por mais tempo a longa viagem até Great Falls, a 180 km dali.

— Vai ser agora — declarou às 22 horas daquela segunda noite.

Foi para o corredor às escuras e discou um número de telefone.

— Alex? Ron Losee, de Ennis. Vamos a caminho.

Era quase meia-noite quando Ron e a família Angle se fizeram à estrada, encaminhando-se para norte.

Enquanto Ron ajudava o Dr. Alex Johnson a salvar a vida de Bud Angle no Deaconess Hospital, as pessoas que ele medicara e aconselhara e com quem passara tantas noites escuras cantando começavam a realizar um milagre.

Finalmente, um hospital

Mas aquilo não pareceu milagre nenhum a Ron quando, no dia seguinte, voltou de Great Falls a Ennis, com olhos cheios de sono e exausto da viagem.

Nos dias seguintes, onda após onda de voluntários veio em auxílio de Olive. Acorriam pessoas de todo o vale, com seus automóveis, picapes e *trailers* atulhados de tudo o que podiam dispensar. Alguns vinham para ajudar na limpeza. Outros, na enfermaria ou para lavar lençóis. Otis Crooker trouxe tabuleiros de comida quentinha do Sportsman's Lodge. Maurice Hickey carregou outras duas camas de rodas doadas pelo Parkway Motel, que fora recentemente inaugurado na rua Principal.

O hospital estava superlotado de pacientes. Ali deu baixa o velho Clarence Althouse, com um golpe na

cabeça, ao mesmo tempo que Win Angle recebia alta. E havia ainda Darwin Pasley, que caíra numa vala de irrigação e tinha quebrado o braço. Além disso, em simultâneo com a chegada de Madeline Flowers, a enfermeira recém-contratada, deu-se o acontecimento que Ron esperava ardentemente que não se verificasse enquanto não tivessem uma sala de partos.

— Ela nunca chegaria a tempo a Bozeman, Doc — balbuciou Pete Jackson, vindo às pressas da cidade de Norris com Johnnie, a mulher, muito assustada e muito grávida.

— E teve muita sorte de ter chegado aqui a tempo — disse Ron, procurando determinar a frequência das dores de Johnnie e tentando imaginar onde encontrar uma cama extra nos três minutos seguintes, ou dois, ou um...

— Cavaletes! — gritou para Madeline Flowers. — Pegue os dois cavaletes de serrar que os operários deixaram aí. É uma das portas que ainda não foram colocadas.

Minutos depois

de montada a mesa obstétrica improvisada, nasceu o primeiro bebê do Madison Valley Hospital. Ward Jackson, prematuro, embora rosado e ativo, estava perfeito para caber na gaveta do armário de roupa, calculou Ron.

Era uma cena que deixaria qualquer médico de cidade grande com os cabelos em pé: um recém-nasci-



do numa gaveta de roupa do hospital, «incubado» com a lanterna de um mecânico e embalado ao som de brocas, martelos e serras.

O ambiente em volta de Ron fervilhava com carpinteiros, estucadores, encanadores e pessoas de todo o vale. Lá estava John Krauss, vizinho dos Jackson, que se oferecera para viajar até Helena para pedir emprestada uma incubadora de verdade para Ward; Gen Hickey, que, quando não estava ao lado de seu cunhado doente, se revezava com Madeline Flowers na vigia do recém-nascido; e a mulher de Darwin Pasley, que ajudava Ron a tratar do marido e de outros pacientes.

Foi-se o verão e veio o inverno, e continuou a chegar mais ajuda — de mulheres da região que insistiram em que podiam esfregar o chão, cozinhar e lavar roupa para o hospital como se fosse para suas casas; de homens que passavam por lá, no fim de longos dias de trabalho nos campos, para dar um jeitinho no jardim de entrada antes de o chão começar a gelar.

Todos na cidade andavam orgulhosos do hospital e estavam dispostos a dar sua contribuição. Quando Ron precisou de doadores de sangue, na noite em que Steve Hubner, de 13 anos, foi atingido nas nádegas por um disparo de uma espingarda de pressão, num acidente de caça, Olive soube onde ir: aos bares da rua Principal.

Chegou à porta do Silver Dollar Saloon e gritou:

— Precisamos de sangue!

Instantaneamente, o bar se esvaziou. Ela então seguiu até o Oscar Clark's Bar e depois para o de Julie Erdie. Muito depois de Ron já ter os doadores de que necessitava, ainda havia homens chegando, arregaçando as mangas e pondo-se em fila, no caso de serem precisos.

Nas semanas seguintes, não foi possível determinar, em meio à lufalufa de bebês, operações, ataques de coração e acidentes, exatamente quando a pequena construção de fachada vermelha e branca que se parecia com uma casa particular se tornou de fato um hospital. Mas poder-se-ia talvez dizer que foi num momento indeterminado, entre a noite agitada do acidente de Bud e Win Angle e o início do duro inverno que se seguiu. Quando Olive e Madeline Flowers transformaram a multidão de cidadãs, cheias de boa vontade, mas sem prática, num corpo eficiente de voluntárias. «As Senhoras de Rosa», como as chamava Olive.

Entre elas, contavam-se Nan Taylor, grande e meiga, neta de um médico que exercera em Virginia City no tempo da corrida ao ouro; Janet McAtee, que vinha de Cameron, a quase 20 km dali; e a pequena e controlada Frances Womack, assistente médica veterana no vale.

Elas deram boa prova de capacidade numa terrível noite em 1951, quando a casa de Wilma e Vern McLean incendiou-se completamente. Madeline e o resto do pessoal entraram em ação, cuidando com calma de Verna McLean, de 3 anos, e

de seu irmão Jimmy e ajudando Ron a tratar das queimaduras que cobriam as pernas e barriga de Jimmy. Todos os dias, durante as três semanas da convalescença do menino, a equipe desempenhou com cuidado e eficiência a difícil tarefa de lhe mudar com frequência as ataduras.

Apesar de toda a agonia e autêntico terror que Ron experimentava cada vez que tinha de assistir a

um parto, as enfermeiras acabaram por fazê-lo rir, naquelas noites enevoadas de janeiro, quando ele fez nascer cinco bebês em 48 horas. Foi seu pior pesadelo: cinco das mães, todas em fase final de parto, chegando ao hospital quase ao mesmo tempo e constituindo cada uma delas um risco obstétrico.

Com uma equipe completa de serviço, Ron só ficava livre para fa-

NO PRÓXIMO MÊS

Esteja atento a estes e a mais de uma vintena de outros artigos e seções que o farão rir, pensar, comover-se ou indignar-se, selecionados do que de melhor se publica no mundo.

O MISTÉRIO DOS NEANDERTALENSES

Durante cerca de 200 000 anos, um povo robusto, diferente daquele que deu origem a nós, habitou uma Europa muito mais fria que hoje. Então, há 30 000 anos, desapareceu misteriosamente.

A VOZ DA CORAGEM DO QUÊNIA

Ela se chama Wangari Maathai. Conheça conosco essa excepcional mulher, que luta e fala abertamente contra a cupidez e a injustiça e está mudando a atitude dos políticos de seu país.

GEORGE LUCAS, MESTRE ILUSIONISTA

No passado, os diretores de cinema dependiam inteiramente de cenários reais e dos atores. George Lucas dedicou-se a utilizar computadores para recombinar realidade e fantasia.

QUE SABEMOS SOBRE A MELATONINA?

Será que este hormônio milagroso pode mesmo reduzir o ritmo do envelhecimento, proteger-nos contra a doença, fazer-nos dormir e melhor e até influenciar a nossa vida sexual? Leia em *Seleções*.

SERRA EM CHAMAS

Um acontecimento terrível que muitas vezes se repete. Combater um fogo na serra exige coragem, prática e ciência. E, por vezes, nem isso basta. Eis a história de uma dessas vezes.

zer coisas que apenas ele podia executar. Tinha disponibilidade para conversar com a parturiente aterrorizada que não compreendia nada do que se estava passando. Podia consolar Bea Clark quando a viu chorar, de dores e frustração, durante um longo e difícil parto. Podia contar anedotas para acalmar Ginny Judd e Peg Todd.

Quando chegou o momento de assistir um parto quádruplo e ele precisou de mais cinco pares de mãos, teve-as. Não era fácil trabalhar com uma equipe de enfermeiras e voluntários que nunca paravam de chegar, mas foram elas que tornaram isso possível.

A sua gente

Em noites como aquela, Ron quase se esquecia de como se sentira sozinho «nos velhos tempos». A terrível experiência do acidente de Bud e Win Angle era já um pesadelo distante, eclipsado pelo nascimento do primeiro filho de Bud. Steve Hubner, que se fizera um sólido rapaz de 15 anos, tornou-se lendário em Ennis. Dizia-se na cidade que ele cuspi com regularidade na cozinha, libertando-se dos chumbos da espingarda de pressão com que ficara ferido nas costas.

— É verdade, sim, que cuspi uns aí — garantia Steve aos cétricos.

Doris Wonder, sem o apêndice que Ron lhe extraíra no Ruby Valley Hospital, substituía ocasionalmente a mãe como *baby-sitter* de Becky e Jon Losec. Embora Jimmy Mc-

Lean tivesse nas pernas cicatrizes das queimaduras, ninguém conseguia detê-lo quando pedalava pelas ruas em sua bicicleta. E, de vez em quando, Charlotte Hansen, filha do nevoeiro, brincava no quintal de Ron e Olive com Jonathan, de 2 anos.

Agora, Ron tinha um novo grupo de mãos com que se preocupar — as que eram suas vizinhas e amigas, fazendo parte do pessoal do hospital, e que eram membros da igreja e suas convidadas nos jantares de domingo. Não se tratava apenas de «pacientes obstétricas», e por isso o preocupavam mais.

A pequena e loura Kathy Northway não era uma das grávidas com quem Ron se preocupou — a princípio. Achou que só tinha de lhe dar parabéns quando ficou grávida, além de lhe lembrar «desde quando a conhecia».

Esse «quando» não tinha sido há muito tempo, realmente. Tinham-se passado menos de dois anos desde que Kathy Gould e Jack Northway, que corara quando, na cabana de madeira, Olive lhes fizera testes de sangue, se casaram numa pequena igreja branca em Jeffers, perto dali.

Ron lembrava-se de todos os por menores. Naquele quente domingo de Páscoa, ele, Olive e Becky ainda eram novatos na cidade. Becky tinha posto seu chapéu novo de Páscoa e levava no braço um cestinho de ovos pascoais. Ron, de máquina fotográfica em punho, se pôs em frente da igreja depois da cerimônia. A um sinal seu, todo mundo sorriu, e ele bateu a foto.

Ron ainda se lembrava de Kathy, uma mulher baixinha, olhando para cima, para Jack, o noivo, alto e elegante, à porta da igreja da Santíssima Trindade. Ao lado deles, em seu melhor terno, estava Jack S., patriarca do clã, com a mulher, Nora.

Também não se esquecera de quando Jack S. morreu, menos de um ano depois do casamento do filho. Há meses que todos se preparavam para isso — Ron, a família e o oncologista que lhe diagnosticara um câncer. Quando ele começou a piorar, Ron passou a visitá-los com frequência cada vez maior. Embora não houvesse nada a fazer do ponto de vista médico, queria estar à disposição daquele homem grande e amável que fora um dos primeiros a recebê-lo, e à sua família, em Ennis.

Na noite em que Jack S. morreu, Ron tinha estado horas fazendo companhia à família, sem nada para oferecer, além de um pouco de morfina para suavizar o sofrimento final de Jack. Quando foi obrigado a ir-se embora devido a uma chamada de urgência (uma cirurgia de apendicite num menino), foi com a maior dificuldade que se retirou.

Sempre tinha sido assim com a morte. Era a única coisa que não podia deixar aos cuidados de mais ninguém.

— Preciso ficar lá — dizia a Olive naquelas noites em que se dirigia para alguma cabana remota nas montanhas para velar um paciente moribundo até o fim.

Mas agora as notícias eram boas. Vinha uma criança a caminho para a família Northway.

— Calculo que será no início de julho — dissera a Kathy.

O inverno ce-
deu o lugar à
primavera. Na-
quele dia de
maio em que ele
e Madeline Flow-
ers tinham vol-
tado de Helena
com um cami-
nhão cheio de abas-
tecimentos para o hos-
pital, Kathy era a pacien-
te que menos o preocupava.

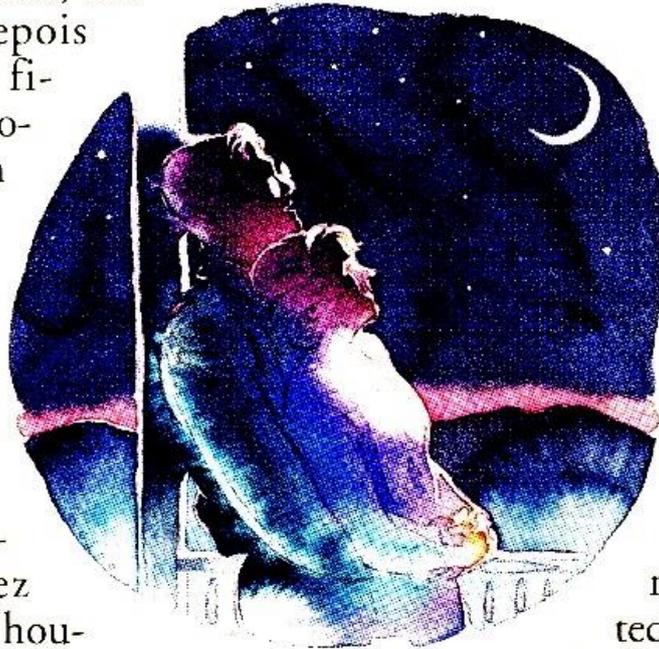
Depois, Jack Northway telefo-
nou, gritando ao aparelho que as
dores da mulher tinham começa-
do. Faltavam dois meses para o fim
da gestação.

Uma pequena beleza

Ron rezou para que a bebê viesse depressa, e assim foi. Sentiu-se agradecido por isso, porque uma criança tão pequena como aquela menina não teria sobrevivido a um parto prolongado.

— Como vão chamá-la? — perguntou a Jack e Kathy.

— Resolvemos que, se fosse me-



nina, iria se chamar Jackie Ann — disse o pai.

— Outra Jackie?— Ron riu-se. — Há tantos Jacks e Jackies que nem sei como distinguir. É que tal a batizarem de Kathy, como a mãe? Foi ela quem teve todo esse trabalho...

Mas Kathy Northway sacudiu negativamente a cabeça e Ron percebeu que se tratava de uma família desinteressada em seus conselhos sobre que nomes dar aos filhos.

Jackie era uma das bebês mais bonitas que Ron conhecia. Era tão pequena que não chegava a pesar 2 kg e parecia perdida na incubadora. Em vez de berrar quando tinha fome, miava.

A bebê só conseguia conservar no estômago umas poucas colheres de sopa do leite da mamadeira. Ron sabia que, apesar de toda a vigilância do pessoal, era provável que Jackie não resistisse, a não ser que descobrisse um modo de fazê-la ganhar peso — e depressa.

— Se ao menos eu soubesse um pouco mais — disse ele a Olive.

Procurava conselhos dos colegas pediatras. Sozinho no consultório, à noite, lia e relia os capítulos sobre recém-nascidos em sua bíblia, o manual de *Doenças de Bebês e Crianças*, de Holt, até ter certeza de estar informado sobre o melhor e mais seguro caminho a seguir.

Sob a pele de Jackie, na parte cônica das pequenas omoplatas, inseriu tubos para lhe administrar uma solução de nutrientes que podiam ser absorvidos através da corrente sanguínea.

— Bem sei que aquelas asinhas de água parecem muito estranhas — confidenciou à ansiosa mãe da criança, comentando as bolhas que se formavam em volta dos tubos de alimentação —, mas enquanto ela não conseguir reter o leite artificial, vai ficar assim mesmo. Só temos de ter paciência.

Continuava, porém, a se perguntar: «Poder-se-ia fazer mais?»

Passava todos os momentos disponíveis junto dela. Parecia que nunca mais acabavam os motivos de preocupação: os inchaços em volta dos tubos e os efeitos persistentes da extrema prematuridade.

O certo é que Jackie Ann começou a se aproximar, muito lentamente, do peso normal. Gradualmente, passou a tomar mamadeira, e, por fim, foi possível tirá-la da incubadora e segurá-la no colo. Quando junho acabou e entrou julho, a criança já pesava cerca de 3,5 kg, e Ron sabia que já era hora de mandá-la para casa.

No dia em que Jackie Ann teve alta do hospital, o médico levantou-a e apertou-a contra o peito, tal como fizera na noite em que ela nascera. Encostou sua grande testa à dela e aspirou o perfume próprio dos bebês limpinhos.

Via-se um pezinho assomar do cobertor e ele inclinou-se para observá-lo. Era tudo em miniatura, mas nada menor que a minúscula unha do dedo grande do pé da neném.

— Olhem isto aqui!— maravilhou-se o médico. — Não passa de um ponto. Um pontinho! Nunca vi

uma unha do dedo grande do pé tão pequena!

Depois, aspirou seu perfume mais uma vez e entregou-a à mãe.

Troca justa

— Ainda é um ponto! — disse Ron, na sua voz grossa para Jackie Ann, espiando-lhe os artelhos. — Jamais cresceu!

Riu-se, associando os dois momentos, um há 43 anos, e outro naquele instante.

Durante o tempo que separava as duas datas, Ron Losee, o médico dos bebês, tornara-se um conhecido ortopedista. Numa noite de inverno de 1957, ele soube que chegara o momento de deixar Ennis e ir para o Royal Victoria Hospital, em Montreal, estudar com os melhores cirurgiões do Canadá e prosseguir em sua grande paixão médica, a ortopedia.

Houve outro dia, dois anos depois de deixar Montana, em que soube que era hora de regressar. Ninguém, a não ser Olive, entendia por que ele tinha de voltar a Ennis.

Mas voltou, e acabou por arranjar alguém para ajudá-lo na clínica. Também teve tempo para ponderar sobre problemas ortopédicos que o fascinavam.

Acolhendo-se de novo em suas montanhas, ouviu pacientes que o procuravam com dores, como sempre fazia — só que, agora, com ouvidos de especialista. Começou a questionar as soluções ortopédicas convencionais para problemas com

as articulações. Perturbava-o mais do que todos os outros o do joelho instável. Durante anos, caminhara ou correra atrás de seus pacientes com problemas de joelho, tentando analisar a razão por que eles cediam. Era frustrante, porque, como um automóvel que se recusa denunciar seu problema quando entra numa oficina, parecia sempre que os joelhos funcionavam perfeitamente quando Ron os examinava.

Até que, numa manhã inesquecível de junho, em 1969, quando manipulava o joelho de um paciente, sentiu-o deslocar-se. Antes mesmo que ele gritasse, o médico disse:

— É isso! — percebendo que estava prestes a resolver um problema que durante anos confundira o mundo ortopédico.

Conseguiu repetir diversas vezes o procedimento que causava a deslocação instantânea. Radiografou a articulação. Por fim, resolveu o mistério de como o ligamento frontal do joelho deixava a articulação se desviar ou deslocar. Concebeu a seguir um método para reconstruir, a partir do próprio tecido do joelho, uma espécie de funda de apoio que estabilizava a articulação sem torná-la rígida. Isso ficou conhecido como a «operação de Losee» quando Ron publicou suas descobertas, com dois colegas de Yale, em 1978.

Quase da noite para o dia, o pequeno hospital começou a ser procurado por pacientes de fora: atletas de Bozeman, em Montana, cavaleiros de rodeio e rancheiros. Por fim, cirurgiões de todos os Estados

NÃO HÁ LUGAR MAIS BONITO

Unidos e até da França apareceram em Ennis.

Para Ron, a fama mudou tudo. E nada. As pessoas de Ennis continuaram a encher-lhe o consultório, trazendo-lhe, juntamente com seus problemas ortopédicos, seus receios, perguntas sobre saúde e sua necessidade de se aconselhar com Ron, como sempre acontecera. Exatamente como Jackie Ann naquele dia.

— Oh, querida — disse ele —, dessa vez são só os dedos do pé? Pensei que era algo maior. Isto é coisa bem pequena.

Ela sorriu, e ele também. Lembrou-se das muitas crises médicas de Jackie quando era pequena, anos de operações horríveis que haviam corrigido problemas que tinha nas pernas, causados pela paralisia cerebral, mas que a tinham deixado com terror de cirurgias.

Ela se lembrava de como tivera medo da operação no pé que fora preciso Ron praticar — por duas vezes — depois de regressar a Ennis como especialista em ossos. E de como, ao ser levada para o centro cirúrgico, ele lhe segurara a mão.

Embora Ron explicasse a Jackie Ann o procedimento para a nova operação de que necessitava e a quisesse recomendar a um médico de sua confiança em Billings, ambos sabiam que a verdadeira razão de ela

ali estar era a presença tranqüilizadora do «Doc» de sua infância. Mesmo antes de ela perguntar, Ron sabia o que Jackie Ann ia dizer:

— É o senhor vai assistir à operação?

Ele respondeu no ato:

— Sem a menor dúvida!

Enquanto ele e Jackie conversavam e faziam planos, fora do pequeno hospital desvanecia-se a névoa da manhã, revelando os picos cobertos de neve da cordilheira de Madison, recortados contra o céu invernal. Era um dia sossegado e sem vento de 1994, muitos anos depois de Ron ter sentido a atração daquelas montanhas ao entrar de carro em Ennis pela primeira vez e de haver declarado diante de um grupo de desconfiados desconhecidos: «Precisamos de um hospital.»

Nenhuma das partes — nem ele nem a comissão — imaginava, quando apertaram as mãos à luz da lareira, que iriam construir muito mais coisas juntos.

Agora, ele e Jackie Ann selavam seu pacto, não com um aperto de mãos, mas com um firme abraço. Mesmo assim, tratava-se de um negócio bastante parecido com o que fora fechado, quatro décadas antes, numa cabana coberta de palha: as pessoas confiaram-lhe suas vidas e ele deu-lhes a dele.

FOTOS: (PÁGINAS DE ABERTURA). © DE PETER MILLER/IMAGE BANK; LUSTRAÇÕES: NOBEE KANAYAMA

SE USAR óculos de sol espelhados, você não tem o direito de se zangar se as pessoas o olharem nos olhos e depois começarem a pentear o cabelo.

— Hal Rubenstein com Jim Mullen, *Paisley Goes With Nothing* (Doubleday)